

“Isso nunca foi opinião”: resistência das mulheres negras ao discurso do racismo reverso na rede social *Instagram*

“This was never an opinion”: the resistance of black women to the discourse of reverse racism on the social network Instagram

“Esto nunca fue opinión”: la resistencia de las mujeres negras al discurso del racismo inverso en la red social Instagram

Monik Milany Santos Santana

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)
monikmilany@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3664-8231>

Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)
gcortes@uesb.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-6597-6192>

RESUMO

Um artigo intitulado “Racismo de negros contra brancos ganha força com o identitarismo”, publicado na Folha de São Paulo, reacendeu nas redes sociais, espaço discursivo de embates ideológicos, o debate sobre racismo reverso – um “racismo às avessas”, onde negros oprimem brancos. Mobilizando noções da Análise de Discurso (AD) pècheuxtiana e contribuições das Ciências Sociais, buscamos analisar o funcionamento discursivo de resistência de mulheres negras brasileiras na rede social *Instagram* ao discurso do racismo reverso. Pretendemos observar também como esses discursos são afetados pelas condições de produção/circulação dessa rede. Utilizando o *print screen* (captura de

* Sobre as autoras ver página 20.



tela), recortamos de um arquivo de materialidades digitais quatro Sequências Discursivas (SDs) para constituir o *corpus* discursivo. Nos gestos analíticos, observamos o funcionamento de um jogo de forças da memória e da ideologia e uma tensão discursiva entre o discurso de racismo reverso em circulação no jornal e os movimentos de contradiscurso e resistência na rede.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo reverso; Racismo estrutural; Memória discursiva; Silenciamento e Resistência; Rede social *Instagram*.

ABSTRACT: *An article entitled “Racism of blacks against whites gains strength with identityism”, published in Folha de São Paulo, rekindled in social networks, a discursive space of ideological clashes, the debate on reverse racism – an “inverse racism”, where blacks oppress whites. Mobilizing notions of Pêcheuxian Discourse Analysis (DA) and contributions from Social Sciences, we seek to analyze the discursive functioning of resistance of black Brazilian women on the social network Instagram to the discourse of reverse racism. We also intend to observe how these discourses are affected by the production/circulation conditions of this network. Using the print screen (screen capture), we cut four Discursive Sequences (SDs) from a file of digital materialities to constitute the discursive corpus. In the analytical gestures, we observe the operation of a strength game of memory and ideology and a discursive tension between the discourse of reverse racism circulating in the newspaper and the counter-discourse and resistance movements on the network.*

KEYWORDS: *Reverse racism; Structural racism; Discursive memory; Silencing and Resistance; Instagram social network.*

RESUMEN: *Un artículo titulado “El racismo de negros contra blancos gana fuerza con el identismo”, publicado en Folha de São Paulo, reavivó en las redes sociales un espacio discursivo de choques ideológicos, el debate sobre el racismo inverso – un “racismo inverso”, donde los negros oprimen a los blancos. Movilizando nociones del Análisis del Discurso (AD) pecheuxiano y aportes de las Ciencias Sociales, buscamos analizar el funcionamiento discursivo de la resistencia de las mujeres negras brasileñas en la red social Instagram al discurso del racismo inverso. También pretendemos observar cómo estos discursos son afectados por las condiciones de producción/circulación de esta red. Usando la pantalla impresión (captura de pantalla), cortamos cuatro Secuencias Discursivas (SDs) de un archivo de materialidades digitales para constituir el corpus discursivo. En los gestos analíticos, observamos el funcionamiento de un juego de poder de memoria e ideología y una tensión discursiva entre el discurso de racismo inverso que circula en el periódico y los contradiscursos y movimientos de resistencia en la red.*

PALABRAS-CLAVE: *Racismo inversa; Racismo estructural; Memoria discursiva; Silenciamento y Resistencia; Instagram red social.*

1 Considerações gerais

Em meio ao avanço da onda conservadora no Brasil¹, um artigo intitulado **“Racismo de negros contra brancos ganha força com o identitarismo”**², assinado pelo antropólogo Antonio Risério e publicado na seção de opinião do Jornal Folha de São Paulo³, de 15 de janeiro de 2022, reacendeu, no mesmo período, nas redes sociais, a discussão acerca do chamado racismo reverso. O racismo reverso pode ser definido como um discurso contrário à luta dos negros contra o racismo no fim dos anos 40 no Brasil e conceituado por Almeida (2020, p.53), como “uma espécie de ‘racismo ao contrário’”. Isso quer dizer um racismo das minorias dirigido às majorias” – minorias aqui definidas sob a perspectiva de poder. Ou seja, o racismo reverso seria um tipo de “racismo às avessas”, onde negros oprimem brancos.

Ao longo da publicação, como forma de sustentar sua tese, o antropólogo aponta para a existência de um suposto projeto supremacista nos movimentos negros que manifestaria esse “racismo negro”. Segundo Risério, o dogma que reza que pretos são oprimidos, não dispondo de poder político ou econômico para institucionalizar sua hostilidade antibranca, “é uma tolice”, uma vez que “ninguém precisa ter poder para ser racista, e pretos já contam, sim, com instrumentos de poder para institucionalizar o seu racismo” (RISÉRIO, 2022).

Entretanto, como explica Almeida (2020), o racismo é estrutural, histórico e um processo político, uma vez que se constitui enquanto um processo sistêmico de discriminação da sociedade, a partir do poder político. Desse modo, o “racismo reverso nada mais é do que um discurso racista, só que pelo ‘avesso’ em que a vitimização é a tônica daqueles que se sentem prejudicados pela perda de alguns privilégios” (ALMEIDA, 2020, p.54) ou uma velha tese a serviço do reacionarismo das classes dominantes, como observa Carneiro (2011).

É importante destacar ainda o funcionamento do termo “reverso”. De acordo com Damaceno (2016), a utilização desse termo ou da palavra “inverso”, em substituição a ele, produz o sentido que de que haveria um

¹O avanço da onda conservadora no Brasil tem início com os protestos de 2013, contra o aumento nas tarifas do transporte público, segue com a polarização das eleições de 2014, refletindo posteriormente no processo de impeachment da então presidenta Dilma Rousseff em 2016, e é intensificando em 2018 com a eleição de um político alinhado à extrema direita do espectro do arranjo político nacional (FONTOURA, 2021).

² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/01/racismo-de-negros-contra-brancos-ganha-forca-com-identitarismo.shtml>. Acesso em: 15 jan. 2022.

³ Criado em 19 fevereiro de 1921 por um grupo de jornalistas liderado por Olival Costa e Pedro Cunha, o jornal Folha de São Paulo ou simplesmente Folha é o quarto entre os dez jornais mais influentes do Brasil, com circulação média anual de 66.188 mil exemplares da versão impressa. Já em relação à média de circulação da versão online, o jornal ocupa a segunda posição, com 299.899 mil assinaturas digitais (Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/jornais-circulacao-digital-sobe-e-impressa-cai-em-2021>. Acesso em 25 jan. 2023). O jornal, que integra o Grupo Folha, conglomerado de mídia, nasceu com uma linha editorial que priorizava textos mais curtos e objetivos, mais informativos do que opinativos.

racismo bom e ideal (aquele praticado contra o negro) e um racismo mau (o anti-branco).

Assim, a partir do dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) fundada por Pêcheux, com contribuições das Ciências Sociais, que discutem questões raciais, este trabalho tem por objetivo analisar o funcionamento discursivo de resistência de mulheres negras brasileiras na rede social *Instagram* ao discurso do racismo reverso. Buscamos também observar como esses discursos são afetados pelas condições de produção/circulação dessa rede social, considerando as relações de força e de sentidos.

Seguindo o percurso metodológico próprio da AD, nosso primeiro movimento analítico, a partir da dispersão da rede, foi a constituição do arquivo, definido como um campo de documentos pertinentes sobre uma questão (PÊCHEUX, 2010). Para a coleta dos dados, utilizamos o recurso do *print screen* (captura de tela). Após a construção do arquivo e observado o batimento entre descrição e interpretação, que nos permitiu mergulhar na materialidade dos sentidos, identificamos e selecionamos quatro Sequências Discursivas (SDs), que compõem o *corpus* discursivo deste estudo.

2 A Análise de Discurso (AD) e suas tramas teóricas

Fundada por Michel Pêcheux, na década de 60, a Análise de Discurso (AD) tem por objeto o discurso, definido como o efeito de sentidos entre interlocutores (PÊCHEUX, 1997) e o lugar de encontro entre a língua e a ideologia. Em outras palavras, o discurso é um objeto sócio-histórico, no qual o linguístico intervém.

Desse modo, para esse campo teórico, a linguagem não é transparente. Ela deve ser tomada em sua opacidade. Isso porque a análise discursiva não busca os sentidos na literalidade das palavras ou dos textos, “[...] mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos” (ORLANDI, 2020, p.28). Afinal, como afirma Pêcheux (1997, p.79), “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesmo”. Deve-se sempre referi-lo a um conjunto de discursos possíveis, observadas as condições de produção, a tomada de posição do sujeito no discurso e os efeitos de sentidos.

Além da noção de discurso e de outras noções mais específicas mobilizadas nas análises das Sequências Discursivas (SDs) coletadas, este trabalho mobiliza também as noções de sujeito, Formação Discursiva (FD), memória discursiva, silenciamento e resistência, que é própria das falhas no ritual do/no processo de interpelação ideológica (PÊCHEUX, 1995) e, conseqüentemente, do processo de produção discursiva e de construção dos sujeitos (TARINI, 2019).

Para Pêcheux (1995), o sujeito não é o linguístico-enunciativo, mas o sujeito do discurso que se constitui juntamente aos sentidos como uma posição, um lugar que ele ocupa para ser sujeito do que diz. Ainda sobre a constituição desse sujeito discursivo é preciso destacar que ela se dá por meio da interpelação ideológica, processo no qual o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, ao se identificar com uma dada Formação Discursiva (FD), que representa na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes (PÊCHEUX, 1995).

A relação do sujeito com as FDs se dá a partir da tomada de posição dele – identificação, contraidentificação e desidentificação – com um domínio de saber de uma FD, que regula o que pode e deve ser dito (PÊCHEUX, 1995). Segundo Pêcheux (1995), a identificação ocorre quando há uma adesão do sujeito aos sentidos determinados pela FD; a contraidentificação, quando o sujeito se contrapõe ao sujeito universal da FD, mas não rompe totalmente com ele; e a desidentificação quando o sujeito se desidentifica de uma FD para se identificar com outra.

Cabe ressaltar ainda que, de acordo com Pêcheux (1995), o sujeito do discurso também é constituído pelo esquecimento ideológico, que diz respeito à ilusão de ser o dono de seu dizer e fonte de origem dos sentidos, e pelo esquecimento enunciativo, que consiste no fato de que o que o sujeito diz só pode ser dito de uma forma. Ele também é afetado pelo interdiscurso, definido como o “‘todo complexo dominante’ das formações discursivas [...], que reside no fato de que ‘algo fala’ sempre ‘antes, em outro lugar, independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1995, p. 162). Segundo Indursky (2011), como um recorte do interdiscurso está a memória discursiva, “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ [quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.]” (PÊCHEUX, 1999, p.52).

Por fim, faz-se necessário ressaltar que o discurso digital e suas condições de produção e circulação também afetam a produção dos sentidos. Isso porque, como explica Dias (2004), o ciberespaço resignificou a comunicação, a sociabilidade e a organização, por meio da linguagem. Segundo Cortes (2015, p. 28), esse ambiente, que também é virtual, “[...] é, por um lado, uma ‘entidade desterritorializada’, já que não se prende ao espaço/tempo, por outro, ele se constitui também em um espaço/lugar de novas territorializações, uma arena de conflitos de interesses”, que possibilita a tensão de discursividades, tornando-se um espaço de retomadas e rupturas de sentidos.

3. Gestos de leitura

Com base nas discussões anteriores, partiremos para os nossos gestos de análise. As materialidades analisadas a seguir correspondem a publicações postadas em alguns perfis públicos de ativistas negras brasileiras na rede social *Instagram*.

SD1

Figura 01. Perfil no *Instagram* “Negravaidosa”



Fonte: *Instagram* “Negravaidosa”. Acesso em: 16 jan. 2022.

A primeira Sequência Discursiva (SD1) foi coletada do perfil Negra Vaidosa. A postagem se constitui do dito **“Racismo reverso não existe!”**, acompanhado da seguinte legenda:

É tão desesperador em pleno 2022 ter que vir dizer isso pq um dos maiores jornais do país tem a coragem de publicar um texto insinuando que pessoas brancas são vítimas de racismo praticado por pessoas negras... É de uma covardia sem tamanho. Primeiro negam a violência à que nos submetem. Depois nos acusam de cometer a violência que "não existe" contra eles. Não temos um dia de paz ... Racismo reverso não existe. Racismo é um sistema de poder - econômico, jurídico, midiático, social, físico- fundado na ideia de que pessoas não brancas não são humanas. Nunca houve no Brasil pessoas não brancas oprimindo pessoas brancas de tal maneira. Afirmar o contrário é pura ignorância e covardia. #racismo #palhaçada #racismoreverso não existe. (SD1).

Considerando que, do ponto de vista da AD, o sujeito do discurso pode resistir ao discurso dominante de uma Formação Discursiva, provocando deslizamentos e rupturas, uma vez que não há ritual sem falha

(PÊCHEUX, 2015), no dito **“Racismo reverso não existe!”** em funcionamento na imagem da SD1 (Figura 01), bem como na legenda, o sujeito enunciador assume a posição-sujeito de resistência à Formação Discursiva (FD) racista em funcionamento no artigo de opinião e que determina sentidos de deslegitimação das demandas por igualdade racial. O advérbio de negação **“não”** explicita essa tomada de posição de desidentificação ao sujeito universal da FD do discurso presente no artigo e evidencia a posição-sujeito de confronto a respeito do que é afirmado pelo jornal, de que existiria um racismo de negros contra brancos.

Ao tomarmos os ditos inscritos na legenda: **“É uma covardia sem tamanho”, “Nunca houve no Brasil pessoas não brancas oprimindo pessoas brancas de tal maneira. Afirmar o contrário é pura ignorância e covardia”**, também observamos o funcionamento de efeitos-sentido de confronto e desconstrução de que “pessoas brancas são vítimas do racismo praticado por pessoas negras”, utilizada para negar o racismo estrutural e justificar os comportamentos discriminatórios existentes na sociedade.

Segundo Fontoura (2021, p.62), a construção discursiva do racismo reverso por si só já constitui uma “grave falha de interpretação da realidade histórica” da formação da sociedade brasileira. Não houve no Brasil organização estrutural de modo a tratar de forma excludente as pessoas brancas. “[...] os não-negros nunca foram dominados, pelo contrário, o processo de colonização europeia aconteceu de forma distinta a partir da escravização dos povos, criando filosofias que justificassem as violências contra os indivíduos” (FONTOURA, 2021, p. 62).

Tal opinião é compartilhada por Ruy (2022), que categoriza o discurso do racismo reverso como um discurso de extrema direita. “A base do discurso identitário é segregacionista e geradora de ódio entre culturas, raças e gêneros. Mas daí a defender que existe um racismo contra brancos há um abismo. Isso é um erro grosseiro, um discurso de extrema direita. É relativizar e diminuir o racismo real que existe no dia a dia”, afirmou a jornalista.

Ainda na legenda, destacamos a formulação **“primeiro negam a violência à que nos submetem”**, na qual se inscreve a atualização da memória da escravidão negra vivenciada no Brasil, que tem sido negada e apagada ao longo dos anos. Nessa perspectiva, a memória é atualizada para romper com os sentidos estabilizados socialmente, apontando para as profundas desigualdades raciais e à violência enfrentada por essa parcela da população, produzindo assim um jogo de força simbólico que constitui uma questão social (PÊCHEUX, 1999).

Analisaremos a seguir a segunda Sequência Discursiva (SD2).

SD2

Figura 2. Perfil no *Instagram* “PamelaVindillino_”

Fonte: *Instagram* “PamelaVindillino_”. Acesso em: 16 jan. 2022.

A SD2 foi coletada do perfil da jurista e ativista dos movimentos negros Pâmela Vindilino. Tal materialidade é composta por uma imagem, com o dito **“Racismo reverso existe na terra plana!!!!”**, acompanhada da seguinte legenda:

JÁ TEM ATÉ MANUAL E ESSAS PESSOAS RACISTAS CONTINUAM FALANDO DE COISAS QUE NÃO EXISTEM, PORQUE NÃO SUPORTAM O FATO DE QUE NÓS, PESSOAS NEGRAS, NÃO ABAIXAREMOS A CABEÇA PARA RACISTA ALGUM!!!! 🖐️
 #racismoreverso #racismoestrutural #racismoreverso (SD2)

Na imagem inscrita nesta Sequência Discursiva (SD) funciona o efeito metafórico (PÉCHEUX, 1997). No âmbito da AD, a metáfora discursiva consiste em uma palavra por outra, em uma expressão por outra, em uma proposição por outra em determinadas formulações. Desse modo,

[...] chamaremos efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre *x* e *y* constitutivo do “sentido” designado por *x* e *y*; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos “naturais”, por oposição aos códigos e as “línguas artificiais”, em que o sentido é fixado [...] (PÉCHEUX, 1997, p. 96).

O efeito metafórico constitui, portanto, o trabalho da memória, sem o qual não é possível compreender o funcionamento contraditório entre o mesmo (paráfrase) e o diferente (polissemia), que estrutura a linguagem, uma vez que não há um sem o outro.

Assim, se no artigo o sujeito enunciador discursiviza que o **“Racismo de negros contra brancos ganha força com o identidarismo”**, que produz efeito-sentido de existência desse tipo de racismo, na SD2, por meio do funcionamento do efeito metafórico, ele é retomado com sentido diferente no dito **“Racismo reverso existe na terra plana!!!!”**, produzindo a resistência, pelo efeito da ironia. Diferentemente do ponto de vista linguístico, em que é considerada uma figura de linguagem definida pelo desvio do sentido real de um dizer, na AD, a ironia é tomada como um discurso de funcionamento específico, intrincado com o cinismo, produzindo efeitos do mesmo, e que se estrutura pela paráfrase e polissemia (BATISTA; CORTES, 2019). A ironia é uma contradição apreendida e exibida, como explica Pêcheux (1995) e se constitui como um poderoso recurso de formação de opinião (BENETTI, 2007). É por meio da ironia que o sujeito enunciador da SD2 vai desqualificar a fala de quem diz que o racismo reverso existe.

Ainda neste dito, convém esclarecer, como observa Modesto (2019, p.122), que a resistência funciona ao retomar “o acontecimento produtivo do simbólico, que se abre para a metáfora, uma palavra por outra, dado a possibilidade de deslocamento possível frente à quebra do ritual material em curso”.

O discurso **“Racismo reverso existe na terra plana!!!!”** produz sentido equivalente ao discurso que o **“Racismo reverso não existe”**, isso porque a ciência já comprovou, por meio de evidências, fotos de satélite e expedições para explorações espaciais, que a Terra é redonda e que a terra plana não existe. De acordo com Salas (2019), “negar o formato esférico da Terra é o caso mais extremo de um fenômeno que define a época atual: desconfiar dos dados, enaltecer a subjetividade, rejeitar o que nos contradiz e acreditar em falsidades”. Vale ressaltar que o discurso negacionista, que nega voluntariamente um dado estabelecido em áreas como a ciência e a história, é um dos elementos constituintes do conservadorismo, contexto socio-histórico no qual o discurso do racismo reverso funciona. A mesma equivalência de sentido também é observada pelo dito **“[...] essas pessoas racistas continuam falando de coisas que não existem”**, discursivizado pelo sujeito enunciador na legenda da materialidade analisada.

Ademais, temos ainda os sentidos funcionando pelas *hashtags* **#racismoreverso não existe** **#racismo estrutural** **#racismo reverso** que também instauram discursividades. De acordo com Silveira (2013, p. 2), “o aparecimento de um enunciado em forma de *hashtag* inaugura uma relação particular entre os sujeitos e o acontecimento discursivo; entre a língua e a tecnologia; entre a estrutura e o acontecimento”. Desse modo, o enunciado

“**racismo reverso não existe**” em funcionamento na *hashtag* materializa uma posição-sujeito contrária à ideologia do racismo reverso. Já as *hashtags* “**#racismo estrutural**”, “**#racismo reverso**” conclamam os internautas ao debate sobre o discurso racista e seus efeitos discursivos e sociais, pois estabelecem uma forma específica de circulação de discursos sobre um dado tema.

Passaremos agora à análise da terceira Sequência Discursiva (SD3), composta pela Figura 3 e Figura 4.

SD3

Figura 3. Perfil no *Instagram* “Monique Evelle”



Fonte: *Instagram* “Monique Evelle”. Acesso em: 16 jan. 2022.

Figura 4. Perfil no *Instagram* “Monique Evelle”



Fonte: *Instagram* “Monique Evelle”. Acesso em: 16 de jan. 2022.

A terceira Sequência Discursiva (SD3) é uma materialidade coletada do perfil da jornalista e ativista Monique Evelle. A postagem, no formato carrossel – que funciona como um álbum e no qual é possível inserir até 10

imagens (fotos ou vídeos) numa sequência – é constituída do dito **“Isso nunca foi opinião”**, na capa do álbum (Figura 3), seguida de outra imagem (Figura 4) em que são apresentados os fragmentos do artigo, a saber: a seção, “Opinião”; a característica dos textos publicados nessa seção, “Expressa as ideias do autor e defende sua interpretação dos fatos”; quem assina o artigo; o título e o subtítulo do artigo, Antônio Risério – **“Racismo de negros contra brancos ganha força com identitarismo – Sob discurso antirracista, o racismo negro se manifesta por organizações supremacistas”**. O álbum é acompanhado da seguinte legenda:

Aqueles que nos odeiam querem aplausos e agora encontram maneiras mais sofisticadas de nos exterminar. Ler esse manifesto de ódio contra pessoas pretas, disfarçado de opinião, me faz ter asco. É revoltante *** para dizer o mínimo. É preciso nos odiar muito para fazer o esforço de escrever um artigo que fala sobre “rac*smo preto antibranco”. Cada argumento que o autor traz, faz a força de um parto para reafirmar que pessoas negras são a personificação do crime. E você acha que essa pessoa não entendeu o que é rac*smo? Sinto informar: ela entendeu, sim. Mas pouco importa. É confortável continuar se comportando como sempre, e olhar para pessoas negras como se a cor de pele lhe associasse, imediatamente, a um furt*... ou coisa pior. Eu já não espero mais que eles admitam o erro. Mas que, ao menos, se sintam constrangidos de vir a público para continuar nos tratando como cr*m*mos. O mesmo esforço utilizado no texto publicado para falar que “existem já meios para o exercício do rac*smo negro”, poderia ser usado para perceber que pessoas pretas não têm o espaço que pessoas brancas ... como o que escreveu essa opinião disfarçada. (SD3).

De acordo com os estudiosos do campo das Ciências Sociais (TRINDADE, 2022), a manutenção do racismo se dá por meio de duas estratégias, a saber, a deslegitimação da luta antirracista ou o apoderamento do lugar das vítimas que sofrem essa prática. E, neste cenário, a mídia, sobretudo, a hegemônica, tem papel fundamental no estabelecimento e permanência de discursos que se filiam à Formação Discursiva racista, como é o caso do “racismo reverso” em funcionamento no artigo da Folha de São Paulo. Isso se justifica, como chama atenção Mariani (1999), na medida em que o discurso jornalístico, desde a fundação da imprensa no Brasil, funciona regido por relações sociais jurídico-ideológicas responsáveis por manter certas informações em circulação, garantindo a preservação do *status quo* de uma elite dominante.

A produção de discursos com efeitos de apagamento histórico tem relação direta com a hierarquia entre opressores e oprimidos, explica Teixeira. “Requisitar o argumento do ‘racismo reverso’ é fazer com que a branquitude permaneça no centro, tanto no campo discursivo quanto no político”, assegura

Teixeira (2020)⁴. As críticas, afrontas, animosidades e indiferenças são efeitos de uma posição-sujeito favorável ao racismo e à desigualdade racial.

É no debate travado pela mídia digital, em especial pelas redes sociais, que o racismo existente e silenciado na sociedade é explicitado. Ademais, as mídias interpelam os indivíduos em sujeitos, pois funcionam como aparelho ideológico da inculcação do discurso dominante, conforme aponta Cortes (2022). E é por meio da repetibilidade, como explica a autora, que a mídia, principalmente a digital, potencializa efeitos singulares que podem se transformar em réplicas, trélicas, que, por sua vez, instauram distintas posições-sujeito no discurso.

Desse modo, com os ditos **“Isso nunca foi opinião”** inscrito na imagem da SD3 (Figura 3) e **“manifesto de ódio contra pessoas pretas, disfarçado de opinião”**, discursivizado na legenda, temos a resistência funcionando no sentido de denúncia ao discurso jornalístico, que funciona como aparelho ideológico de inculcação (CORTEZ, 2022); nesse caso, busca inculcar o discurso racista, em aliança à FD do ultraconservadorismo, que também produz efeitos de ódio às pessoas negras.

Assim, a SD3 funciona com efeitos de denúncia ao silenciamento, considerando os muitos não-ditos do discurso jornalístico em relação ao racismo. Todavia, como explica Pêcheux (2015, p.44), temos de observar “as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de colocar-se em posição de ‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito”.

Também é possível observar, enquanto gesto de leitura sobre a materialidade, a partir das formulações **“é confortável continuar se comportando como sempre, e olhar para pessoas negras como se a cor de pele lhe associasse, imediatamente, a um furt*... ou coisa pior”** e **“continuar nos tratando como cr*m*nosos”**, o funcionamento do efeito de denúncia sobre a imagem estigmatizada que opera no imaginário social de que todo negro é sempre o suspeito preferencial. Como destaca Campos (2020), tais sentidos são produzidos a partir do discurso jornalístico, uma vez que a mídia atua para contribuir com a perpetuação desses estigmas, tendo como base estereótipos construídos pelo imaginário escravista.

Desse modo, o discurso do racismo reverso, inscrito no jornal Folha de São Paulo, atualiza a memória discursiva do racismo com efeitos parafrásticos, visando fixar os sentidos de rejeição social ao negro. Essa memória é retomada quando o país se preparava para discutir a revisão da Lei nº 12.711/2012⁵, também conhecida como Lei de Cotas e que dispõe sobre o

⁴ Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/colab/a-comunicacao-no-combate-ao-racismo-reverso/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

⁵ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm. Acesso em: 22 ago. 2022. Segundo o artigo 7º, no prazo de dez anos a contar da data de publicação da Lei, ela deveria ser revista.

ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Além de buscar reduzir as desigualdades educacionais, a Lei de Cotas coloca o racismo no centro do debate público.

A seguir, analisaremos a quarta e última Sequência Discursiva (SD4).

SD4

Figura 5. Perfil no Instagram “Katiuscia Ribeiro”



Fonte: Instagram “Katiuscia Ribeiro”. Acesso em: 16 jan. 2022.

A última e quarta Sequência Discursiva (SD4) analisada foi coletada do perfil da doutora em Filosofia, Katiúscia Ribeiro e é composta por uma charge e a seguinte legenda:

Uma das formas mais recorrentes de se perpetuar o racismo é o fortalecimento do protagonismo branco nas questões raciais... desde a produção acadêmica até o gerenciamento dos assuntos da mídia. Essa perpetuação fica ainda mais sólida qdo ocorre uma tentativa sistemática de deslegitimar ou se apoderar da posição de vítima nas questões raciais. Se faz presente de forma nefasta o velho argumento insípido e racista de sobre o "racismo reverso". Como história para ninar gente grande o artigo de Antonio Risério, publicado pela Folha de São Paulo, trouxe esse tema outra vez em destaque nas manchetes da branquitude para designar supostos casos de preconceito contra brancos. Ignorando ao seu bel-prazer que essa sociedade foi pensada e estruturada exclusivamente para privilegiar pessoas brancas, o racismo reverso segue em pauta mesmo que não exista argumento algum que sustente essa ideia pífia. Qualquer pessoa com honestidade sabe que colocar esse assunto em debate de forma atabalhoada é desastroso, simplesmente pq o "racismo reverso" não existe, ele é impossível. Promovido e empreendido pela branquitude o racismo é um conjunto

complexo de realidades que envolve várias dimensões da vida. Ele, o racismo, se pulveriza em várias direções sociais entre as principais estão: política, economia e subjetividade. Sistemáticamente o racismo é um instrumento que beneficia as pessoas brancas e sua reversão é uma utopia e uma desprezível tentativa de esvaziar as pautas raciais e a responsabilização das pessoas brancas no combate direto ao racismo. Uma maneira no mínimo canalha de desvirtuar o foco do efetivo enfrentamento às desigualdades raciais no país. O racismo reverso não existe, é como procurar fantasmas de baixo da cama antes de dormir, não faz sentido se é adulto, mas esse é o fetiche da branquitude serem vítimas sem algoz e assassinos santificados. Texto em conjunto com o maravilhoso @joaopauloignacio ✨ (SD4).

Na imagem inscrita na SD4 (Figura 5), observamos a retomada da charge publicada no artigo da Folha⁶, a partir do efeito metafórico. Essa retomada se dá com uma ruptura do processo de significação, desestabilizando a rede dos implícitos (PÊCHEUX, 1999), uma vez que a parte da imagem que corresponde ao homem branco é substituída por um homem branco com o capuz da Ku Kux Klan⁷, sobre um fundo na cor vermelho.

Observamos que essa imagem é atravessada por discursos exteriores, que são atualizados pela memória discursiva. Pêcheux (1999, p.52) assinala que a memória discursiva “seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. Assim, na SD4, a memória discursiva sofre perturbação, pois produz efeitos de denúncia a toda opressão sofrida pelos negros a partir perpetuação do racismo e dos atos dos movimentos de extrema direita.

A imagem inscrita na SD4 funciona como define Pêcheux (1999), enquanto um operador de memória, que comporta em seu interior um percurso escrito discursivamente em outro lugar e que proporciona o efeito de reconhecimento a partir da imagem. Ou seja, “[...] a imagem, por poder operar o acordo dos olhares, apresentaria a capacidade de conferir ao quadro da história a força da lembrança” (PÊCHEUX, 1999, p. 31), apontando para outros dizeres que são atualizados no discurso, com sentidos de desestabilização, e que irrompem para a época em que grupos supremacistas brancos agiam com os objetivos de perseguir e atacar pessoas negras, bem como os defensores dos direitos dessa parcela da população.

⁶ Disponível em:

https://f.i.uol.com.br/fotografia/2022/01/14/164218553361e1c33d8441a_1642185533_3x2_xs.jpg.

Acesso em: 15 jan. 2022

⁷ Uma organização terrorista fundada nos Estados Unidos da América (EUA), que se pauta pela supremacia branca, que promove atos terroristas contra pessoas negras e simpatizantes dos direitos dos negros reforça a posição de resistência do sujeito enunciativo ao discurso racista.

A confirmação do sentido de violência ligado aos grupos supremacistas se dá também com a utilização da cor vermelho na atualização da charge. Tal cor inscreve na imagem referente ao homem branco o efeito de perigo, agressividade e ameaça, em contraposição a cor azul – disposta como cor de fundo da imagem do homem negro e que remetia efeitos de tranquilidade. A utilização da cor vermelho na materialidade inscreve um sentido de pânico e terror que o grupo supremacista causava nos negros por persegui-los.

Ainda a respeito da retomada da charge com efeito metafórico, podemos discorrer sobre outra noção da Análise de Discurso (AD) que é a equivocidade (PÊCHEUX, 2015), que consiste no funcionamento dos deslizamentos e rupturas de sentidos, a partir de diferentes posições-sujeito no discurso. No caso da charge da materialidade aqui analisada, ela apontou para a dimensão do sentido entre homens brancos e os movimentos supremacistas brancos, resgatando a historicidade dos sentidos de racismo e segregação racial, da relação de causalidade entre o discurso do racismo reverso e o discurso da supremacia racial branca.

Voltando nosso gesto de análise para a legenda, destacamos a seguinte formulação **“Uma das formas mais recorrentes de se perpetuar o racismo é o fortalecimento do protagonismo branco nas questões raciais racial... desde a produção acadêmica até o gerenciamento dos assuntos da mídia”**. Aqui, abrimos um parêntese para ressaltar brevemente sobre o funcionamento do discurso jornalístico, com efeito opinativo, que serve de base para as análises das materialidades relacionadas neste capítulo.

Segundo Marques de Melo (1985), o artigo da Folha de São Paulo se enquadra na categoria de jornalismo opinativo, que é constituído de espaços dentro do jornal (sejam eles editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricaturas e charges) para expressar de modo declarado posições sobre uma determinada questão (DELA SILVA, 2013). Segundo Dela Silva (2013, p. 1217), estes espaços serviriam para o funcionamento do “dizer legitimado pelas publicações jornalísticas (de jornalistas e convidados especialistas)”.

Desse modo e a partir da formulação anteriormente inscrita na legenda da materialidade, observamos que a ativista assume a posição-sujeito de resistência a esse dizer legitimado que visa à perpetuação do racismo na sociedade, ao denunciá-lo enquanto ferramenta utilizada para o “fortalecimento do protagonismo branco nas questões raciais”. Ou seja, o discurso jornalístico atenderia a outros interesses. É como nos fala Castro (2015), “os discursos midiáticos tecem uma rede de produção e reprodução do preconceito e do racismo”.

Na legenda, podemos destacar também a formulação **“Ignorando a seu bel-prazer que essa sociedade foi pensada e estruturada exclusivamente para privilegiar pessoas brancas, o racismo reverso**

segue em pauta mesmo que não exista argumento algum que sustente essa ideia pífia". Neste caso, observamos que a ativista chama atenção para o funcionamento do discurso negacionista, que está atrelado à constituição do racismo reverso, inscrito no artigo. Sentido confirmado por Filho (2022). Para o jornalista, o discurso do racismo reverso, no contexto abordado no artigo, funcionaria como "negacionismo científico em estado bruto travestido de opinião, como se o racismo fosse um fenômeno solto na história, sem nenhuma ligação com as relações de poder que movem a sociedade".

Ainda na legenda, outras três formulações produzem efeitos de sentido semelhantes a outros aqui apresentados. São elas **"o 'racismo reverso' não existe, ele é impossível"**, **"[...] o racismo é um instrumento que beneficia as pessoas brancas e sua reversão é uma utopia e uma desprezível tentativa de esvaziar as pautas raciais"** **"O racismo reverso [...] é o fetiche da branquitude serem vítimas sem algoz e assassinos santificados"**. Tais ditos instauram a resistência do sujeito do discurso em se assujeitar e reproduzir o discurso dominante na FD racista a qual o artigo se filia, já que provoca rupturas (DE NARDI, F. S.; NASCIMENTO, F. A. S., 2016); ademais, funciona com efeito de denúncia ao silenciamento que é imposto às tensões raciais no Brasil. Aqui, evocamos Orlandi (2007), lembrando que esse silenciamento é o mesmo que "por em silêncio" e que se constitui no apagamento dos sentidos já-ditos da memória de um dado discurso.

4 Efeitos de conclusão

À luz dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD) de filiação pêcheuxiana, e com a contribuição de outros campos do conhecimento, propomo-nos a analisar o funcionamento discursivo de resistência de mulheres negras brasileiras na rede social *Instagram* ao discurso do racismo reverso, bem como observar como esses discursos são afetados pelas condições de produção/circulação dessa rede social, considerando as relações de força e de sentidos.

De acordo com os gestos de leitura, observamos que há o funcionamento de um jogo de forças da memória e da ideologia e uma tensão discursiva entre o discurso de racismo reverso em circulação no jornal e os movimentos de contradiscurso e resistência na rede. Notamos que o discurso do racismo reverso funciona com sentidos de apagamento do racismo estrutural e produz efeitos de deslegitimação e silenciamento da luta antirracista.

A partir da análise das Sequências Discursivas (SD1, SD2, SD3 e SD4), observamos o funcionamento dos sentidos em fuga (ORLANDI, 2012), pelo viés do discurso do racismo reverso, o qual busca silenciar o racismo e

seus efeitos opressores. Com os sentidos em fuga, como postula Orlandi (2012, p.12), “imediatamente nos aproximamos de uma noção que se coloca como incontornável: a historicidade, ou seja, a materialidade histórica dos sujeitos e dos sentidos”.

No que diz respeito às condições de produção e, sobretudo, de circulação dos discursos em/na rede, notamos também, por exemplo, que ao utilizar recursos próprios do discurso digital, como a *hashtag* #racismoreverso não existe, em funcionamento em uma das Sequências Discursivas analisadas, o sujeito enunciador assumiu a posição-sujeito de resistência ao discurso do racismo reverso e estabeleceu a relação com os dizeres que antecederam a *hashtag*, reforçando o teor discursivo dessas formulações.

Assim, observamos que, constantemente, ressurgem, em condições de produção dadas, no discurso jornalístico da mídia hegemônica, formulações que se filiam à FD racista, a exemplo do discurso do racismo reverso, de modo a manter a regularização da memória da escravidão negra, que forjou a realidade brasileira dos dias atuais. Portanto, o discurso do racismo reverso - do negro contra o branco - produz intensos efeitos de sentidos em fuga. Enquanto um discurso, no qual funcionam sentidos em fuga, observamos também que o discurso do racismo reverso se inscreve em diferentes formações discursivas, não apenas a racista, mas também a do ultraconservadorismo e do negacionismo científico. Todas enredadas sob o jogo de forças da memória.

Todavia, há em funcionamento nas redes sociais um movimento que é próprio da resistência discursiva, que é a desidentificação do sujeito com a forma sujeito de uma dada Formação Discursiva (FD), que busca romper com a inculcação ideológica da mídia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo-SP. Sueli Carneiro: Pólen, 2020.

BATISTA, G. A.; CORTES, G.R.O. O funcionamento discursivo de memes políticos: metáfora e cinismo no meme “tchau querida”. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin de; ANDRADE, Alexandre de Melo; MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves (Orgs.). **Estudos Linguísticos e Literários em múltiplas perspectivas**. São Cristóvão-SE: Editora UFS, 2019. p.112-129.

BENETTI, Márcia. A ironia como estratégia discursiva da revista Veja. **Líbero** [Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade Cásper Líbero], São Paulo – SP, vol. 20, p. 37-46, dez., 2007.

Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/632>. Acesso em: 09 jan.2023.

CAMPOS, Deivison. Negro como suspeito preferencial: “Conduta mais violenta que testemunhamos da polícia”, alerta pesquisadora. **Humanista**. Porto Alegre, 29 set. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2020/09/29/negro-como-suspeito-preferencial-conduta-mais-violenta-que-testemunhamos-da-policia-alerta-pesquisadora/> Acesso em 08 fev. 2023.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo-SP: Selo Negro, 2011.

CASTRO, Sílvia Elaine Santos de. **A imprensa e a luta contra o racismo**. FENAJ, Brasília-DF, 28 set. 2015. Disponível em: <https://fenaj.org.br/a-imprensa-e-a-luta-contr-o-racismo/> Acesso em: 09 fev. 2023

CORTES, G. R. O. A “nova” direita e o discurso militarista: tensões da memória no espaço virtual. In: GRIGOLETTO, Evandra; NARDI, Fabiele Srockmans; GALLI, Fernanda Correia Silveira; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva (Orgs.). **Tensões entre o Urbano e o Digital: discursos, arte, política(s)**. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

CORTES, G. R. O. **Do lugar discursivo ao efeito-leitor: a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica**. 2015. 268 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

DAMACENO, Janaína. **Por que você deve parar de afirmar que o racismo reverso existe?** Geledes. São Paulo-SP, 03 fev. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/por-que-voce-deve-parar-de-afirmar-que-o-racismo-reverso-existe/> Acesso em: 08 ago. 2022.

DELA-SILVA, S. Das cartas de leitores às redes sociais: o espaço para o sujeito na revista Superinteressante. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 1214-1228, 2013.

DE NARDI, F. S.; NASCIMENTO, F. A. S. A Propósito das Noções de Resistência e Tomada de Posição na Análise de Discurso: movimentos de resistência nos processos de identificação com o ser paraguaio. **Revista Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 19/2, p. 80-103, dez. 2016.

DIAS, C. **A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo HIV**. 2004. 176 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

FILHO, João. **Folha lucra com debate falso sobre ‘racismo reverso’ em ano de revisão da lei de cotas.** The Intercept, 2022. Disponível em: <https://theintercept.com/2022/01/22/folha-debate-falso-racismo-reverso/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

FONTOURA, J. S. D. de A. Racismo reverso: o porquê da sua não-existência. **Interritórios | Revista de Educação:** Caruaru - PE, v.7, n.13, 2021.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso.** Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.

MARIANI, B. Discurso e instituição: a imprensa. **RUA**, Campinas, SP, v. 5, p. 47–62, 1999.

MARQUES DE MELO, J. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.

MODESTO, R. Gritar, denunciar, resistir: “como mulher, como negra”. In: **O discurso nas fronteiras do social - Uma homenagem à Suzy Lagazzi.** Campinas-SP: Pontes Editores, 2019. p. 111-134.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 13. ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, E. P. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In: CARROZZA, Guilherme et. al. (Org.). **Sujeito, sociedade, sentidos.** Campinas-SP: RG Editora, 2012.

ORLANDI, E. P. **As Formas do Silêncio no movimento dos Sentidos.** 6. ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, M. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento** (Tradução: Eni Puccinelli Orlandi). 7. ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In.: ORLANDI, E. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso.** Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 49-59.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. (Org.). **Papel da memória.** Campinas-SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69) (Tradução: Eni Puccinelli Orlandi). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1995.

RUY, Carolina Maria. **Separar o racismo do identitarismo**. Vermelho. Brasília, 18 jan. 2022. Disponível em: <https://vermelho.org.br/coluna/separar-o-racismo-do-identitarismo/> Acesso em: 06 fev. 2023

SALAS, Javier. **Você não pode convencer um terraplanista e isso deveria te preocupar**. Brasil, 03 mar. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/27/ciencia/1551266455_220666.html Acesso em: 08 ago. 2022

SILVEIRA, J. da. Análise discursiva da hashtag #onagagné: entre a estrutura e o acontecimento. In: **SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO**, 6, 2013. Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras, UFRGS, p.1-7. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/AnaliseDiscursivaDaHashtag.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2022.

TARINI, A. M. de F. L. Sujeito, Interpelação Ideológica e Resistência. In: TARINI, Ana Maria de Fátima Leme; BIZIAK, Jacob dos Santos; CATTELAN, João Carlos (Orgs.). **Poder, dizer, resistir: ensaios em análise do discurso**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

TRINDADE, L. V. **Discurso de ódio nas redes sociais**. São Paulo-SP: Jandaíra, 2022.

Recebido em março de 2023

Aceito outubro de 2023.

Publicado em 18 de agosto de 2024.

SOBRE OS AUTORES

Monik Milany Santos Santana é mestre e doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). É especialista em Comunicação e Marketing Empresarial pela Faculdade Juvêncio Terra e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Genice Ribeiro de Oliveira Cortes é doutora e mestra em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atualmente, é professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB.